A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FRANCIANE PEREIRA GUIMARÃES

RESUMO

O estudo trata de uma revisão bibliográfica sobre a utilização da Arte no processo de ensino-aprendizagem na educação, partindo-se da exposição de aspectos relevantes com relação à criatividade. Apesar das orientações dos parâmetros curriculares verifica-se a dificuldade de a prática no contexto educacional dos professores fazerem uso do recurso da Arte no processo de ensino-aprendizagem, mesmo diante da unanimidade dos autores em relação à importância de tal recurso. O estímulo e a criatividade desde a educação infantil são fundamentais para que o educando tenha um desenvolvimento voltado para a sua saúde biopsicossocial. Conclui-se que a utilização do recurso da Arte deve ir ao encontro do estímulo da criatividade, no sentido de propiciar à criança espaço para a construção do seu conhecimento a partir de sua percepção do mundo e de suas possibilidades diante dele.

Palavras-chave: Arte; Música; Criança; Educação Infantil.

ABSTRACT

The study is a literature review on the use of art in teaching-learning process in education, starting from the exposure of relevant aspects regarding creativity. Despite the guidelines of the curriculum guidelines there is the practical difficulty in the educational context of teachers make art resource use in the teaching-learning process, even with the unanimity of the authors of the importance of this resource. The stimulus and creativity from early childhood education are essential to the student has a development facing their biopsychosocial health. We conclude that the use of the art resource should meet the stimulating creativity, in order to provide the child space to build their knowledge from their perception of the world and its possibilities before him.

Keywords: Art; Music; Child; Child education.

INTRODUÇÃO

Dos vários temas estudados, muitos são voltados para a questão da aprendizagem, visando compreender como o ser humano aprende e quais os métodos e recursos que podem contribuir para tal fenômeno. Nesta busca surgiu a conscientização das diferenças entre os seres humanos, ou seja, que cada ser e único, embora haja uma generalidade inerente da espécie.

Além dessa visão que leva ao respeito e individualidade, surgiu também a conscientização do indivíduo como sendo um ser biopsicossocial, demonstrando que a questão da aprendizagem envolve multifatores que colaboram ou dificultam a ação do aprender.

Os estudos na área educacional promoveram a formulação de várias novas teorias sobre a mesma, sendo preciso identificar dentre elas uma possibilidade que garanta um processo de ensino e aprendizagem eficaz.

Optou-se por desenvolver um estudo que fomentasse a reflexão e discussão sobre o uso da arte no processo de aprendizagem da educação infantil, por meio da inserção do lúdico, fazendo uso de uma didática criativa, acreditando-se que tal prática possa vir a contribuir para o aprimoramento, expansão e instigação da habilidade dos alunos e, consequentemente, tornar o processo de aprendizagem mais eficiente, prazeroso e com resultados mais rápidos.

Objetivou-se com o presente estudo, promover uma reflexão sobre as contribuições que a arte pode vir a ofertar para a aprendizagem da criança nos primeiros anos do contexto escolar, propondo atividades que estimulem a criatividade por meio da descoberta da linguagem artística. Além, disso, buscou-se verificar aspectos da arte, revisar na literatura as abordagens do uso do brincar no processo de ensino-aprendizagem, averiguar a importância da criatividade no mundo atual.

Para alcançar os objetivos propostos efetuou-se pesquisa bibliográfica. Os dados coletados foram expostos no decorrer de dois capítulos de forma a fornecerem uma sequência lógica que levasse ao alcance do objetivo proposto.

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O Desenvolvimento Infantil é parte fundamental do desenvolvimento humano, destacando-se que, nos primeiros anos, é moldada a arquitetura cerebral, a partir da interação entre herança genética e influências do meio em que a criança vive. Para promoção da saúde da criança, é indispensável à compreensão de suas peculiaridades, assim como, condições ambientais favoráveis ao seu desenvolvimento.

A teoria de Vygotsky (apud REGO, 1995) destaca que é preciso considerar dois níveis de desenvolvimento para se entender o processo pelo qual a criança passa durante seu crescimento intelectual: o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento

potencial. Entende-se por nível de desenvolvimento real aquela aprendizagem de que já se tomou conhecimento, aquilo que a pessoa já sabe fazer sozinha, sem ajuda de ninguém. O nível de desenvolvimento potencial é referente ao que a criança ainda não consegue fazer sozinha, porém com a mediação de outra pessoa ela pode executar a ação. Entre esses dois níveis está aquilo que Vygotsky chamou de "zona de desenvolvimento proximal".

Como zona de desenvolvimento proximal pode-se entender que é a distância entre as práticas que uma criança já domina e as atividades nas quais ela ainda depende de ajuda. Para Vygotsky, é no caminho entre esses dois pontos que ela pode se desenvolver mentalmente por meio da interação e da troca de experiências. Não basta, portanto, determinar o que um aluno já aprendeu para avaliar seu desempenho.

O desenvolvimento da criança se dá em todos os momentos e espaços de sua vida, começando pela família onde acontece seu primeiro contato social e vai se alastrando pela escola e por qualquer outro espaço social que ela percorra. Mesmo cada criança tendo seu próprio ritmo de desenvolvimento e sendo estimulada de formas diferentes, ela vai se socializando, ou seja, vai interagindo com seu meio, descobrindo o seu mundo próprio e o mundo que a rodeia. Assim, é importante ressaltar as fases do desenvolvimento infantil, como o cognitivo, motor e o afetivo.

A partir dos dois anos a acriança torna-se mais independente e autoconfiante, porém é egocêntrica, cabe nesse momento o adulto ensinar a acriança a "perceber" a outra, por exemplo, em atividades cooperativas. A visão, o tato e a audição são os meios pelos quais a criança descobre o mundo, sendo que nesta fase ela não tem medo de ver, ouvir e sentir. Esses sentidos possibilitam a criança a perceber as coisas (tamanho, forma e cor) que fazem parte do meio, o tato permite que a criança sinta diferentes texturas, agradáveis ou não. A criança nesta fase escuta tudo e se dispersa facilmente, quanto a sons em alto volume, a criança pode se assustar.

A primeira infância, fase do desenvolvimento que abrange entre zero e seis anos de idade, tem sido cada vez mais abordada e debatida por conhecedores de distintas áreas como psicólogos, sociólogos, e entre outros que adentraram num amplo consenso quanto ao desenvolvimento da primeira infância. Defendem essa fase, como primordial, na qual a criança arquitetará uma base que a favorecerá por toda a existência.

É nessa fase que a criança começa a estruturar sua autonomia e confiança, começa também a estabelecer brincadeiras coletivas e utiliza o outro mais como objeto e não como participante da ação. Desse modo, Santos (2008, p.68) afirma que:

Para que a criança se torne um ser saudável e bem ajustado é necessário que seu corpo esteja constantemente ativo, sua mente alerta e curiosa, seu ambiente dotado de materiais atrativos e sua inter-relação com as outras pessoas se efetive de modo natural e afetivamente bem estruturado. Tudo isso pode ser conseguido se o brinquedo, os jogos e as brincadeiras forem as estratégias escolhidas para nortear o dia-a-dia das crianças.

A partir dos 2-3 anos de idade, aumenta progressivamente a habilidade de guardar lembranças de atos e fatos, para depois recuperá-los e imitá-los. É engraçado ver uma criança de 2-3 anos "fingindo" que está cozinhando, fazendo a barba, varrendo o chão ou falando ao telefone. E vê-la dando um carinhoso beijo de boa noite no ursinho de pelúcia ou censurando rispidamente o mau comportamento das bonecas nos faz lembrar que é observando as pessoas que as cercam que as crianças aprendem sobre como lidar com suas emoções.

O autor Baker (1980, p. 03) diz, nesse trecho então, que a Educação Infantil deve vir de encontro às necessidades básicas da criança, partindo daquilo que ela já conhece para chegar às aprendizagens subsequentes, evitando "pular" etapas importantes. Em suma, deve-se oferecer à criança, oportunidades de ser estimulada e motivada, no momento conveniente e respeitar o tempo necessário para ela amadurecer e, portanto, deixar que uma aquisição tão marcante como é a da leitura e escrita, ocorra quando a criança estiver pronta para adquirir, com interesse e sucesso. Assim sendo, a Educação Infantil é uma poderosa socializadora e educadora, levando a criança a desenvolver sua criatividade, promovendo, também, um equilíbrio geral.

Para Wallon o estágio, que vai até os 6 anos de idade, é muito importante para a formação da personalidade. Segundo o autor partir dos 3 anos, ocorre o estágio do personalismo, momento da constituição do eu, no qual a criança em seu confronto com o outro passa por uma verdadeira crise de personalidade, caracterizada pelas mudanças nas suas relações com o seu entorno e pelo aparecimento de novas aptidões. Já Piaget menciona que as etapas de desenvolvimento das crianças são de extrema valia para o entendimento da atividade lúdica e seus efeitos na infância, (WALLON, 1953)

Entre os 7 e 11 anos, segundo Piaget (2003) neste estágio pela primeira vez o indivíduo usa da lógica e não da percepção a resolver seus conflitos, não possui mais uma linguagem egocêntrica e sim social. É a partir daqui (operações concretas) que começa a ver o mundo com mais realismo, deixa de confundir o real com a fantasia. Segundo Coutinho (1992), no transcorrer deste está-

gio a criança adquire muitos conhecimentos, dentre elas a habilidade de consolidar as conservações de número, ou as operações infra lógicas, ou seja, conservação física: peso, volume e substância e também a constituição do espaço, que são a conservação de comprimento, superfície, perímetros, horizontais e verticais e a constituição do tempo e do movimento (coordenação entre tempo e velocidade).

Por volta dos sete anos a atividade cognitiva da criança torna-se operatória, com a aquisição da reversibilidade lógica. A reversibilidade aparece como uma propriedade das ações da criança, suscetíveis de se exercerem em pensamento ou interiormente. O domínio da reversibilidade no plano da representação — a capacidade de se representar uma ação e a ação inversa ou recíproca que a anula — ajuda na construção de novos invariantes cognitivos, desta vez de natureza representativa: conservação de comprimento, de distâncias, de quantidades discretas e contínuas, de quantidades físicas (peso, substância, volume etc). O equilíbrio das trocas cognitivas entre a criança e a realidade, característico das estruturas operatórias, é muito mais rico e variado, mais estável, mais sólido e mais aberto quanto ao seu alcance do que o equilíbrio próprio às estruturas da inteligência sensório-motora.

No período de 7 a 12 anos a criança começa a pensar de uma forma mais próxima aos adultos. A autora conclui que a criança não deve ser tratada como se fosse fragmentada por conta das etapas de desenvolvimento criadas na teoria de Wallon. Cada ser humano é único e terá seu desenvolvimento de uma maneira particular com o ambiente em que se relaciona.

Ao mesmo tempo em que está tentando abafar as emoções, a criança nessa fase está adquirindo mais noção do poder do intelecto. Por volta dos 10 anos, o raciocínio lógico desenvolve-se consideravelmente em muitas crianças. Na atualidade, elas gostam de reagir como se raciocinassem como um computador. Essa arrogância para enfrentar o mundo dos adultos é típica da criança que está encarando a vida em termos de preto e branco, certo ou errado, constatando de uma hora para outra a arbitrariedade e a falta de lógica no mundo. O pré-adolescente pode começar a achar que a vida é uma grande revista em quadrinhos. Para ele, os adultos são hipócritas, e zombar deles e ridicularizá-los passa a ser sua "emoção" predileta.

3 A MÚSICA NA EDUCAÇÃO

Nas próximas seções serão reportados, dentro da Arte na educação, especificamente ao tema: Música. Segundo ZIMMERMANN (1996), o som precede a criação do ser humano, mas essa nasceu com ele, pois é o único ser capaz de criar tal arte. Para a autora, a música evoluiu em quatro níveis, a saber.

-Som enquanto linguagem mágica, representando a comunicação do ser humano com as divindades;

-Som enquanto oração, representando as religiões;

-Som enquanto arte e divertimento, atribuindo o enriquecimento do som por misturá-la ao mundo profano.

Na concepção de SCHOPENHAUER, (apud ROSENFELD, 1976), a música, enquanto as outras artes produzem ideias platônicas, exprime de modo imediato, a própria essência do mundo.

ROUSSEAU (1978), por sua vez, afirma que a música é a "voz da natureza". Ela exprime diretamente as paixões sem passar pela mediação dos conceitos: "Os sons, na melodia, não agem em nós apenas como sons, mas como sinais de nossas afeições, de nossos sentimentos. Dessa forma, despertam em nós os movimentos que exprimem e cuja imagem neles reconheceu" (p.191).

Conforme MAHEIRIE (2003), a música carrega um significado social, por estar em relação com o contexto social onde está inserida, ao mesmo tempo em que possibilita aos sujeitos a construção de múltiplos sentidos singulares e coletivos.

O sentido da música (...) é sempre permeado pela afetividade. Em primeiro lugar, percebemos sua sonoridade, depois degradamos um saber anterior que tenha uma relação com os elementos percebidos deste som para, em seguida, transformar este saber e constituirmos um sentido aquela música. Posteriormente, estabelecemos de uma forma singular um significado para música, compactuando ou não com seu significado coletivo. As características daquela sonoridade surgem como um complexo representativo que aparece determinado pela consciência afetiva, a qual, por sua vez, lhes dá nova significação, (MAHEIRIE, 2003, p.150).

DUARTE e MAZZOTTI (2006) citam ABRIC, que aponta toda ocorrência musical é percebida representada e desapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída em seu sistema cognitivo integrada no seu sistema de valores dependentes de sua história e de grupos sociais e ideológicos que os cercam.

Tanto na percepção como na criação, uma informação sonora é selecionada e descontextualizada, sendo que a seleção é parcial, ao acaso, pois os elementos selecionados são os que "coincidem" com o sentido que o sujeito pode ou quer atribuir o som. Conforme DUARTE e MAZZOTTI (2006) é feita uma triagem em função de condicionantes

culturais (acesso diferenciados as informações) e, sobretudo, de critérios normativos (guiados pelo sistema de valores do grupo), com o fim de proporcionar uma imagem sonora coerente e facilmente reconhecível do objeto da percepção.

Por meio da contextualização, as pessoas dão um novo valor e significado aos elementos selecionados. A seleção e contextualização explicam porque o mesmo objeto musical pode ser percebido e logo a seguir, representado de diferentes maneiras, uma vez que são processos relacionados a cada grupo especificamente.

O resultado é a formação de cognições centrais, isso é a estruturação ou organização dos elementos selecionados num complexo de imagens sonoras configurando um "novo objeto musical", resultado de um processo de percepção ou criação desenvolvido pelo sujeito.

Está presente o processo de metaforizarão. A metáfora, por suas características é uma condensação de significados produzida a partir da analogia, sendo por isso, considerada uma analogia condensada.

Tais características permitem sustentas que as metáforas se encontram no centro das representações sociais. (DUARTE e MAZZOTTI, 2006) ressaltam que toda metáfora pressupõe a predicação, que é o processo pelo qual se determina, define-se, estabelece-se os contornos de algo sob exame. Tal processo recorre às qualidades que se julgam próprias a algo.

Segundo DUARTE e MAZZOTTI (2006), o "conhecido" é a expressão das qualidades já estabelecidas e mantidas por um grupo social, mas o mesmo não ocorre com a "novidade", o "ainda desconhecido".

Em se tratando da novidade procura-se encontrar nela predicados que se conhece e que podem ser utilizados para perceber e assimilar o "novo" ao repertório que se tem, o que se faz por meio da verificação do semelhante e do semelhante com o conhecido, logo se constrói uma metáfora.

Por esse caminho, pode ocorrer a naturalização de algo, cujos elementos passam a fazer parte da "realidade", não mais do pensamento.

4 INTELIGÊNCIA MUSICAL

Muitos filósofos cultivaram especial atenção à música em seus estudos e a analisaram desde sempre uma parte importante da educação.

Platão assegurava que a cadência e a harmonia abordam a todas as áreas da alma, toma posse delas, concedendo graça ao corpo e mente, apenas aos que tenha sido educado de forma correta.

Aristóteles igualmente promove a educação musical integral, certo de que alcançamos certa condição de personalidade graças a ela.

Confúcio ponderava que a música exercia autoridade tanto subjetiva como política. O homem superior pretende promover a música por meio do aprimoramento da civilização humana. Que a música se sobressaia e dirija as pessoas para seus ideais e pretensões, observaremos o cenário de uma grande nação.

Na Idade Média e no Renascimento, a música era reconhecida como um dos grandes pilares da aprendizagem. A despeito disso em nosso tempo, a música foi uma das primeiras disciplinas a serem retiradas do conteúdo escolar, quando a verba diminuiu e se almejou dar atenção a outras disciplinas, tais como matemática, literatura e ciências. Trata-se de uma incoerência, pois a música pode ser um grande instrumento exatamente para promover essas aprendizagens.

As experiências para identificar os educandos que têm habilidades musicais ou inteligência musical desenvolvida são difíceis e não nos garantem sucesso total na análise.

Segundo BALLESTERO-ALVAREZ (2008) existe uma enorme gama de aptidões musicais e é dificílimo que um indivíduo apresente todas em igual alcance. Podemos citar exemplos marcantes: Tchaikovsky era um péssimo maestro; Chopin era hábil nas composições para piano sem interesse algum por outro instrumento; Louis Armstrong, com sua extraordinária aptidão de improvisação, nunca aprendeu a ler música. É, assim, impraticável decidir a inteligência musical com uma lista mais ou menos extensa de grandezas muito complexas.

O desígnio das atividades musicais é promover a aprendizagem de outros conteúdos acadêmicos. Muitos professores fogem do uso de estratégias musicais, por causa de sua própria falta de experiência musical. No entanto, não é preciso um curso especial ou uma capacidade extraordinária para incorporar essas atividades ao trabalho de sala de aula.

Os jogos musicais, quando utilizados de forma lúdica, participativa e não-competitiva podem constituir uma fonte rica de aprendizado, motivação e neurodesenvolvimento. Em geral, os jogos acontecem em aulas coletivas o que obviamente visa a estimulação dos sistemas de orientação espacial e do pensamento social. Jogos de memória de timbres, notas e instrumentos, dominós de células rítmicas e brincadeiras de solfejo podem ativar os sistemas de controle de atenção, da memória, da linguagem, de ordenação sequencial e do pensamento superior. Já os jogos que utilizam o corpo, tais como

mímica de sons imaginários, brincadeira de cadeira, cantigas de roda, encenações musicais e pequenas danças podem incentivar o sistema da memória, de orientação espacial, motor e do pensamento social, entre outras. Além de prazerosos, os jogos musicais de participação ativa podem constituir exemplos típicos do aprendizado divertido (ILARI 2003, p. 9)

A música pode proporcionar um meio eficaz de desenvolver uma atitude positiva em relação à própria música e sua relação com outros conteúdos de aprendizagem, tanto docente quanto discente.

Existe outro benefício possível quando o docente incorpora música ao trabalho didático, pode promover o desenvolvimento da habilidade musical nele mesmo e em seus alunos.

O professor que deseje usar a música com pano de fundo para enriquecer sua aula pode começar pedindo aos alunos que reflitam a respeito de como a música pode ajudar a melhorar a qualidade de nossas vidas.

Quando optamos por trabalhar com música, podemos citar uma canção como exemplo e pedir que os alunos componham outra, que expresse um determinado conflito social, como o racismo, a exclusão ou a segregação.

Peça a eles que construam a poesia, a rima, o ritmo, o andamento. Não se preocupe; não há necessidade de teoria musical; é algo intuitivo nas pessoas e eles por certo farão o que você pedir, sem maiores dificuldades.

Outra forma de trabalhar canções é oferecer aos alunos a letra fora de ordem e pedir que, com a audição, eles enumerem a ordem de aparecimento das frases. Ainda é possível que, uma vez memorizada uma estrofe, os alunos a reproduzam sem auxílio, em seus cadernos ou no quadro, para posterior leitura de todas em conjunto. Depois que eles tiverem memorizado uma estrofe, copie-a inteira no quadro e peça-lhes que a repitam. Pegue, então, o apagador, apague um bloco inteiro em diagonal e peça-lhes que leiam novamente. Apague mais um, peça que leiam novamente. Continue apagando e pedindo que repitam sucessivamente, até ficar com o quadro limpo. Eles repetirão tudo novamente.

Outra questão ligada a inteligência musical, diz respeito a nossa voz. A fala humana é um som que se produz pela passagem do ar pelas cordas vocais, situadas na garganta. Ou seja, nossa voz nada mais é que um instrumento musical que vibra, soa e emite sons pela propagação do ar no ambiente.

De todos os elementos constitutivos da voz humana é o tom, ou altura musical, o mais sensível às modificações emocionais, é por isso que nos agrada ou desagrada o tom de voz de uma pessoa. Imediatamente percebemos se ela fala em tom alto ou baixo, ou se, pobre de inflexões, sua locação é monótona, ou seja, de um só tom, o que equivale dizer que é enfadonha. É por isso que se pode afirmar que a fala expressiva exige variedade de tons e sua adequação ao pensamento.

A linha ou curva melódica descrita pela voz ao pronunciar palavras, orações e períodos é chamada de entonação. Para cada tipo de oração em português, podemos traçar uma curva melódica que espelhe as diversas nuanças que emitimos ao falar. Compare, por exemplo, uma mesma frase, porém de forma afirmativa, interrogativa e exclamativa.

Tomada dessa forma, a entonação reflete e expressa nossos sentimentos e pensamentos e, a partir daí ela se constitui na alma da oração e da mensagem que estamos verbalizando.

Para nossas aulas devemos empregar uma voz clara, em tom agradável, com boa dicção, intensidade de volume adequado para que todos os alunos nos ouçam com clareza.

Não podemos esquecer que a música também transmite uma herança cultural. É uma habilidade inerente a todos os seres humanos, que começa com o ritmo cardíaco no ventre materno e merece seguir seu desenvolvimento sob pena de empobrecimento do ser humano.

Como a música é fruto de nossa criatividade e auto expressão, ela permite aprender mais a respeito de nossos semelhantes e da nossa sociedade.

Finalmente, a música nos ajuda a compreender que nem tudo é material.

5 INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BRÉSCIA (2003) aponta que o ser humano conhece a música desde o início da sua vida. “Com um pulsar de célula se dividindo dentro do corpo de nossa mãe, já somos apresentados ao aspecto mais fundamental e universal da música: o “ritmo” (p.67) ”.

Por meio da música desenvolveu-se o processo de construção do conhecimento, que desperta e desenvolve não somente o gosto musical, bem como favorece o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, as socialização e afetividade, além de contribuir para uma afetiva consciência corporal e de movimentação (BRESCIA, 2003).

A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações, é a linguagem que se traduz em formas sonoras

capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio.

Essa linguagem faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia (BRASIL, 1998).

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos estéticos e cognitivos, bem como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo a linguagem musical, sendo essa uma das formas mais importantes de expressão humana, e que justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (BRASIL, 1998).

Segundo ILARI (2003) por meio da música pode-se criar ambiente favorável para o que se deseja ensinar, uma vez que ela é sempre agradável, desde que observados certos princípios em relação à música dada, tais como a qualidade, a adequação de ensino dentre outros.

A música assim como toda atividade musical, precisa ser planejada e o educador deve estar consciente do que deseja dar, do porque vai dar, ou seja, dos objetivos que deseja atingir, a quem vai dar, tendo em vista as possibilidades e necessidades dos alunos, e como vai dar, lançando mão de técnicas e recursos didáticos que lhe permitam alcançar com êxito os objetivos a que se propõem ILARI (2003)

Muitas instituições de ensino encontram dificuldades para integrar a linguagem musical ao contexto educacional. Verifica-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área da Música e nas demais áreas do conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas à criação e a elaboração musical.

Em tais contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói (BRASIL, 1998).

As crianças que cursam aulas de música instruir-se a cantar, e a ação de cantar contribui para a musicalidade e também influencia de forma a aprimorar o diálogo e influência mútua.

Quando canta, ou está envolvida em atividades de interpretação harmônica em conjunto, sente-se conectada ao grupo e alcança a consciência de que seus conhecimentos são também importantes.

Abrange a indigência de colaboração com os companheiros, para chegarem a uma finalidade comum. Quando a criança estuda música em grupo, se torna mais expansiva e coexiste o tempo inteiro com códigos de socialização.

A criança aprende a acatar o tempo e anseio do próximo; a criticar de forma construtiva; a ter disciplina; a ouvir e interagir com o grupo. A musicalização contribui, entre outros fatores, para uma maior afetividade e um melhor relacionamento entre a criança e seus pais ou responsáveis.

Os pais assumem um papel importante no desenvolvimento musical de seus filhos participando das aulas, cantando, dançando, tocando músicas, enfim, proporcionando um ambiente adequado para este desenvolvimento

A linguagem musical tem estrutura e características próprias, devendo ser considerada como:

-Produção: centrada na experimentação e na imitação, tendo como produtos musicais a interpretação, a improvisação e a composição;

-Apreciação: percepção tanto dos sons e silêncios quanto das estruturas e organizações musicais, buscando desenvolver por meio do prazer de escuta, a capacidade de observação, análise e reconhecimento;

-Reflexão: sobre questões referentes à organização, criação, produtos e produtores musicais (BRASIL, 1998).

Ressalta-se que o trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, incluindo aquelas que apresentem necessidades especiais, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social (BRASIL, 1998).

Quanto a relação com os materiais sonoros, nesta fase, as crianças conferem importância e equivalência a toda e qualquer fonte sonora, dessa forma, explorar as teclas de um piano é tal e qual percutir uma caixa ou um cestinho, por exemplo.

Elas se interessam pelos modos de ação e produção de som, sendo que, sacudir e bater são seus primeiros modos de ação. Além disso, está sempre atento ás características dos sons ouvidos ou produzidos, se gerados por um instrumento musical, pela voz ou qualquer objeto, descobrindo possibilidades sonoras com todo material acessível (BRASIL, 1998).

O que caracteriza a produção musical das crianças nesse estágio e a exploração do som e suas qualidades (altura, duração, intensidade e timbre) e não há criação de temas ou melodias definidos precisamente.

Pouco a pouco ocorre um maior domínio com relação a entonação melódica. Ain-

da que sem um controle preciso de afinação, mas já com retenção de desenhos melódicos e de movimentos significativos das canções, como refrão, onomatopeias.

Além disso, a criança memoriza um repertório maior de canções e conta, consequentemente com um "arquivo" de informações referentes a desenhos melódicos e rítmicos que utiliza com frequência nas canções que inventa. É uma boa improvisadora, "cantando histórias", misturando ideias ou trechos dos materiais conhecidos recriando, adaptando, etc. (BRASIL, 1998).

Ressalta-se que o fazer musical é uma forma de comunicação e expressão que acontece por meio da improvisação, da composição e da interpretação. Improvisar e criar instantaneamente, orientando-se por alguns critérios pré-definidos, mas com grande margem a realizações aleatórias, não determinadas.

Para a viabilização do projeto de construção de instrumentos com as crianças, o material a ser utilizado pode ser organizado de forma a facilitar uma produção criativa e interessante. Dessa forma, é importante selecionar e colocar à disposição das crianças: sucatas e materiais recicláveis que devem estar bem cuidados, limpos e guardados de modo prático e funcional (BRASIL, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música, uma das manifestações artísticas do ser humano, tem como essência a criatividade.

A criatividade é fundamental para a inovação, para a busca de soluções.

O estímulo e criatividade desde o ensino infantil é fundamental para que os educandos tenham um desenvolvimento voltado para a sua saúde biopsicossocial, bem como se torne um cidadão atuante na sociedade no sentido de contribuir de forma efetiva para a transformação dos paradigmas atuais do mundo quem incluem o desenvolvimento sustentável.

O uso da música é uma forma de mostrar para a criança que é possível extrair de si e do mundo que a cerca, possiblidades diversificadas para desafios, para os problemas que se colocam diante do indivíduo no decorrer de sua vida.

Propor atividades que possibilite a descoberta do "corpo musical" em conjunto coma sonoridade extraída de objetos, pode ser um exercício no sentido que contribua para que a criança perceba que tudo principia nela e na sua relação com o que a cerca.

Além das atividades propostas, podem-se apresentar músicas na sua gravação original e, depois, outras interpretações, principalmente no caso das remixadas por DJs, no sentido que mostrar que o que foi criado tem possibilidades de diferentes interpretações, bem como de recriações.

Ressalta-se que, para que a criatividade seja estimulada e que para a música ser utilizada como recurso de aprendizagem, é fundamental que o educador esteja familiarizado com a linguagem musical, bem que esteja apto a ser mediador e promotor do processo e não um professor preso ao dogma tradicional do ensino de reprodução, de cópia.

Neste sentido, é fundamental que se instrumentalize, no sentido de ser um promotor efetivo do encontro da criança com a sua criatividade e musicalidade.

Observa-se que a própria escola pode contribuir com essa instrumentalização por meio do desenvolvimento de oficinas com os educadores, onde possam descobrir a sonoridade de si e do mundo a partir de sua própria experiência como compositor de seu mundo sonoro.

Escutar música não precisa ser uma atividade imposta e sim efetivada com prazer, porque apenas assim os benefícios serão adquiridos de forma apropriada, como sempre deve ocorrer. A música vai mais à frente daquilo que ouvimos. Quando implantada no dia a dia das crianças e dos adolescentes, as canções colaboram para o desenvolvimento neurológico, afetivo e motor da criança.

Conclui-se que a utilização do recurso da música deve ir ao encontro do estímulo da criatividade, no sentido de propiciar a criança espaço para a construção do seu conhecimento a partir de sua percepção do mundo e de suas possibilidades diante dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTERO-ALVAREZ, M. E. Exercitando as inteligências múltiplas: dinâmicas de grupo fáceis e rápidas para o ensino superior. Campinas: Papirus, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998, vl. 3.

BRÈSCIA, V.P. Educação Musical: Bases Psicológicas e Ação Primária. Rio de Janeiro. José Olympio, 2003.

DUARTE, M. A.; MAZZOTTI, T. B. Representações sociais da música: aliadas ou limites do desenvolvimento das práticas pedagógicas em música? Educ. Soc., Campinas, v.27, n97, dez. 2006.

ILARI. B. A música e o cérebro: algu-

mas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical Revista da ABEM. Porto Alegre. V. 9. 7-16, set. 2003.

MAHEIRIE, K. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. Psicol. Estud. 2003, vol.8, n.2, pp. 147-153.

ROSENFELD, A. Influência estética de Schopenhauer. In: Texto Contexto. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 173-184.

ROUSSEAU, J.-J. Ensaio sobre a origem das línguas. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

ZIMMERMANN, N. A música através dos tempos. São Paulo: Paulina, 1996.